FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Teatro Kaus e o melodrama grotesco *As Três Velhas*

Por Simone Carleto Fontes[1]

A programação do 40º Festivale trouxe uma obra importantíssima na história da dramaturgia mundial, *As Três Velhas*, de Alejandro Jodorowsky. Trazida ao Brasil pela célebre atriz Maria Alice Vergueiro, com tradução de Fábio Furtado, teve montagem memorável com direção de Vergueiro. Estreou em 2010, iniciando o Teatro Pândega, nome sugerido pelo dramaturgo e tradutor Furtado. Segundo Ernandes Araújo, que defendeu recentemente seu mestrado *Maria Alice Vergueiro: A Dama do Teatro Experimental - Transgressão e ruptura – a grande boca devoradora de linguagens*, Jodorowsky foi cofundador do movimento Pânico, juntamente com Fernando Arrabal e Roland Topor. Tratou-se de manifesto anarquista que confronta as hierarquias sociais e artísticas, que os seus fundadores definem como um anti-movimento, caracterizando muito mais como um estilo de vida, que nasce sobre o signo da contradição e autoderrisão, cuja referência é o Deus Pân, que imprime o irracional, a desmesura, remete ao lado mais primitivo do ser. Araújo cita a frase de Vergueiro: "Eu tenho uma reputação a zerar". A afirmação dialoga de modo profundo com as pretensões artísticas da artista, desmedida em seus mergulhos cênicos e coerente com o que solicita a obra de Alejandro. De acordo com o pesquisador Ernandes Araújo, o encontro entre Maria Alice e Alejandro se deu em 2007, durante programação do Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, que organizou uma retrospectiva em homenagem ao artista chileno, naturalizado francês. Ernandes Araújo revela que a atriz protagonizou um encontro inusitado ao ser sorteada para uma leitura

[1] Mestre, doutora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo. Professora do curso de Teatro na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Unesp - SP. Professora Formadora e Conteudista do curso de Licenciatura em Teatro a Distância da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Jurada de Teatro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes..

pública de Tarot conduzida pelo próprio diretor chileno. ""eConforme detalhado por Vergueiro no programa da peça, o veredito do oráculo não apenas impressionou a atriz, mas selou o destino prático do novo grupo [...]". Por meio das cartas arquetípicas, Jodorowsky entrou em cena, revitalizando desejos criativos da atriz, que estudou suas obras e a psicomagia por ele criada, envolvendo a psicanálise e a arte teatral. Na montagem de Vergueiro, Luciano Chirolli, Pascoal da Conceição (substituído por Danilo Grangheia), encarnavam Melissa e Graça, contracenando com Maria Alice, como Garga.

Voltando à montagem do Teatro Kaus Cia Experimental, a tradução é de Aimar Labaki e a direção de Reginaldo Nascimento. O elenco é composto por Amália Pereira - Meliza; Tânia Granussi - Grazia; e Vera Monteiro - Garga. Em uma noite incomum, Meliza e Grazia, marquesas decadentes, gêmeas e octogenárias, e sua Criada Garga, vivem revelações chocantes que desenterram segredos profundos sobre as bizarras figuras que conduzem a trama por caminhos inesperados. Reviravolta característica do melodrama, a Criada Garga, ao final, se revela a mãe biológica das duas, e se oferece a ser comida por elas. O rito antropofágico final se configura na imaginação da expectação, e é subitamente interrompido pela campainha. Chega a notícia de viralização na internet da miséria das velhas, transformando-as em celebridades, tornando-as potenciais velhas-propagandas de refrigerantes. As três fazem gesto de bananas para o patriarca hipócrita-decadente-abusador, o conde de Felícia. Em que pese o texto de Jodorowsky subverter os códigos do melodrama tradicional para transformar as personagens em figuras grotescas bufônicas, a construção cênica necessita promover as contradições expressas nas interpretações. Com marcação precisa das cenas dirigidas por Nascimento, a coreografia poderia ainda ganhar organicidade, no sentido de os delírios propostos pelo autor serem materializados em cena.

O tratamento hiperbólico dos cenários de Reginaldo Nascimento e figurinos de Telumi Hellen, se completam no visagismo de Louise Helène, iluminados pela luz criada por Denílson Marques. Sombra, penumbra, transparências e texturas sugerem as camadas do subconsciente e inconsciente do universo de Jodorowsky, cujo talento das atrizes convida ao trajeto para as vivências simbólicas das pessoas espectadoras. Tanto as músicas com o as danças e partituras corporais têm a possibilidade em potência de subverter as formas teatrais hegemônicas, bem como os procedimentos criativos tradicionais, para garantir o espaço de ruptura artística, não só refazendo o percurso de Jodorowsky com criações inusitadas, como de fato trazer a encenação plenamente para a contemporaneidade, dada a

absoluta relevância de se montar a obra, ao considerarmos os processos reacionários que tentam se estabelecer mundialmente, cuja América Latina é um dos alvos de imposição de modos de vida, com base em pressupostos decadentistas que privilegiam aparência decrépita e *kitsch*.

Enquanto no conto de fadas Cinderela precisa de roupas para ir ao baile e encontrar um pretendente que irá enriquecer materialmente sua vida, em *As Três Velhas* as irmãs octogenárias tentam ir a um baile com o mesmo objetivo material. No lugar do traje mágico, existe a disputa pela dentadura. A irmã vencedora esconderá ainda o colar de pérolas falsas sob o leque. Ou seja, todo o esforço de fingimento e manutenção de aparências de classe, no jogo de Jodorowsky é utilizado para zombar dessa tentativa frustrada. Tal postura reafirma a atualidade da obra, bem como o compromisso do Teatro Kaus com o caráter de pesquisa e experimental do teatro de grupo contemporâneo, cuja produção desta e de outras obras vem trilhando um percurso fundamental de construção de linguagem própria.

Destaquem-se as investidas cênicas-interpretativas-performáticas de Amália Pereira como Meliza, que tem um solo dentro da encenação, no qual interpreta a si e ao pai, num delírio-devaneio que expressa o autoritarismo, a manipulação masculina e de como essa alteridade e projeção inviabilizam a existência singular e as legitimidades de expressão do ser, em uma aposta cênica ousada e contundente; Tânia Granussi, como Grazia, faz sua personagem em aprofundamento bufo, grotesco, dialogando com traços surrealistas e expressionistas da obra, no qual a psicomagia leva às projeções múltiplas, as leituras polissêmicas, que extrapolam a necessidade de distinguir identidades de gêneros, mas deflagram justamente as hipocrisias sociais. Ela traz um tônus surpreendente, assumindo sua forte presença como atriz que comenta a cena enquanto a executa, bem ao estilo da interpretação épica que Vergueiro tão brilhantemente desenvolveu; e Vera Monteiro, como Garga, carrega, assim como a personagem, o segredo desde sempre como espectro de sua interpretação, construindo suas falas com nitidez narrativa, fundamental ao desenvolvimento melodramático que terá sua revelação ao final. Assim, o tratamento cênico, como traço estilístico, segue paralelo ao desenvolvimento da personagem, necessariamente como questões complementares, dada a teatralidade-performatividade que o texto solicita.

As necessárias inovações interpretativas nitidamente fazem parte da realidade de muitos intérpretes, que visceralmente, como Maria Alice, se dedicam a aprofundar mais e mais o conhecimento sobre si mesmos e sobre as personagens. Tarefa a ser valorizada e

fomentada por festivais, políticas públicas e pelos grupos, que têm o impulso criador de experimentar em continuidade, simultaneamente ao estudo e revisitação do legado ancestral que temos na área teatral, com experiências exemplares de trabalho interpretativo sistematizado por homens e mulheres de teatro. Evoé!

.